

N. S. CONCEIÇÃO E BOA MORTE

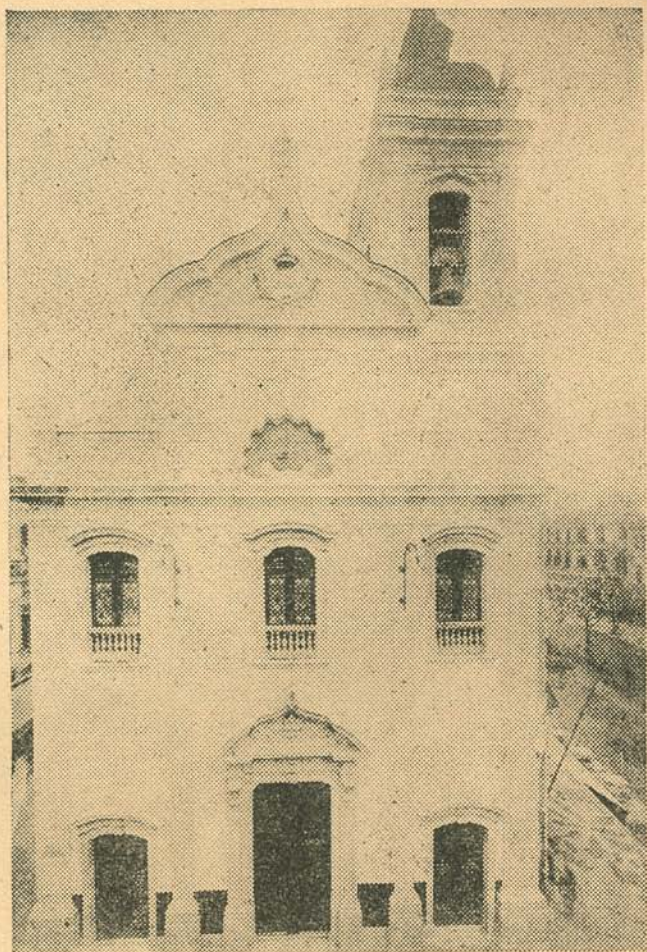
Na rua do Rosário, esquina da rua Miguel Cousto, antiga Ourives, havia, no ano de 1700, uma pequena ermida, que estava compreendida entre os bens patrimoniais da Ordem Terceira de S. Francisco da Penitência. Não dispomos de elementos que nos esclareçam sobre a data de sua construção, entretanto, naquela época já existia e era conhecida como "Igreja do Hospício", porque além da sua finalidade de congregar fiéis para o culto a Deus, era também destinada a proporcionar hospedagem a religiosos. A atual rua Buenos Aires foi durante muitos anos denominada do Hospício, pelo motivo da capela dar fundos para aquela rua.

* * *

A Igreja de S. Sebastião, situada no môro do Castelo e antiga Sé do Rio de Janeiro, era sede de várias Irmandades. Entre elas se encontrava a de N. S. da Conceição dos Homens Pardos, fundada por Antônio Pinheiro, Jorge de Castro, Eugênio Ribeiro da Costa, Antônio Dutra e Francisco Coelho de Brito, e cujo compromisso foi aprovado em 19 de julho de 1700.

Anos mais tarde, pretendendo o bispo transferir a Sé para outro local, em virtude de achar-se a igreja do Castelo em péssimo estado, ameaçando ruir, a Irmandade dos Pardos tratou, por sua vez, de procurar guarida também em outro lugar.

Foi assim que o governador da cidade Luiz Vahia Monteiro, — o "Onça", por ordem d'El Rei, determinou a ocupação da ermida da rua do Rosário pela Irmandade da Conceição.



N. S. DA CONCEIÇÃO E BOA MORTE

Todavia, essa congregação, procurando a Ordem da Penitência, indenizou-a com a quantia de Rs. 3.160\$000, pelo imóvel que lhe havia custado 3.000 cruzados, conforme consta em escritura datada de 9 de janeiro de 1729.

Passou, assim a Irmandade de N. S. da Conceição a residir em sede própria. Os irmãos eram todos exclusivamente pardos libertos, homens trabalhadores, cheios de fé, que se dedicavam com grande carinho à causa de sua agremiação, lutan-

do pelo seu progresso. Não obstante, os recursos financeiros de que dispunham eram pequenos, e dêsse modo, sòmente em 1807, puderam completar o pagamento da propriedade.

* * *

Havia no Convento dos Carmelitas Calçados, uma irmandade sob a invocação de N. S. da Assunção e Boa Morte, erecta em 1663. No ano de 1734, estando desavindos alguns irmãos e os frades do recolhimento religioso, aqueles membros resolveram deixar os carmelitas e fundar uma outra irmandade com o título de N. S. da Boa Morte. E assim o fizeram, indo homiziar-se na capela de N. S. da Conceição dos Homens Pardos.

Conta Moreira de Azevedo que o grupo dissidente estabeleceu o plano para a mudança em absoluto segredo. Os religiosos nem levemente o suspeitaram e, por isso, tudo foi levado a efeito conforme havia sido previsto.

Sob o pretexto de levar a concôrto, começaram retirando alguns ornamentos e objetos de prata que lhes pertenciam, os quais passaram a ser guardados em lugar ignorado. O que se afigurava difícil, no entanto, era a trasladação da imagem, sem que se apercebessem os frades. Não era, todavia, impossível, e como veremos, o caso chegou a revestir-se de grande escândalo, mas o intento foi, afinal, conseguido.

O fato teve lugar na data da festa da Virgem. Era noite. Extensa procissão percorria as ruas, tendo saído do Convento dos Carmelitas, sendo a imagem conduzida pelos irmãos da Boa Morte. Ao chegar o préstito à rua da Quitanda, esquina da do Rosário, em lugar de continuarem por aquela rua, tomaram o caminho desta última e, quando chegaram nas proximidades da Capela da Conceição, estugaram o passo e nela entraram com a imagem, inopinadamente, fechando com estrépito a porta. A procissão foi interrompida, havendo "tumulto, contenda, velas quebradas, hábitos rotos, intervindo a força armada, mas a imagem ficou".

Dessa forma algo pitoresca passaram a residir sob o mesmo teto, embora com vida completamente independente, as duas agremiações.

* * *

A princípio tudo indicava que a paz e a compreensão reinariam entre as duas famílias. Animando essa pressunção estava o fato da idéia da construção de um templo maior, para o que ambas as partes contribuiriam e davam opinião, no sentido de que a realização correspondesse ao objetivo comum.

A 25 de março de 1735, houve a cerimônia do lançamento da pedra fundamental do edifício, tendo a planta da construção sido apresentada pelo Brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim. E as obras progrediram, a custa de donativos e esmolas que espontaneamente eram oferecidos.

Tudo ia bem, e era lícito esperar que, pela harmonia que então reinava, a obra fôsse completada dentro de prazo relativamente breve.

De repente, porém, modificou-se inteiramente o panorama de relações entre as duas confrarias. Os irmãos da Conceição perceberam que os da Boa Morte não mais se dedicavam com o mesmo interesse às obras da igreja, e, assim, locupletavam-se com o que elles produziam. Data daí uma série enorme de contrariedades, de rusgas, de aborrecimentos de tôda a classe, que cumularam com a paralização das obras. Qualquer atitude de uma das partes era mal interpretada pela outra e dava origem a ciumes e disputas deploráveis. Nem pareciam duas irmandades religiosas cujo objetivo principal era cultar a Mãe de Deus.

Brigaram por causa do órgão que fôra doado por Felix Martins Rates, à Conceição, e a Boa Morte dêle queria utilizar-se; discutiram porque os Pardos reservavam para si o direito sôbre o sino da capela; e até, certa vez, chegaram a disputar o altar para a realização de uma cerimônia religiosa, de cuja contenda resultou sair ferido por um castiçal, que lhe fôra arremessado por um irmão da Boa Morte, o tesoureiro da Conceição!

Esse fato suscitou tal indignação que obrigou o Vigário Geral Vilas Boas a multar em Rs. 20\$000 o agressor e lançá-lo a excomunhão por ter desrespeitado o altar sagrado.

Depois dêsse triste acontecimento, em 25 de julho de 1815, o Juiz da Conceição, Francisco Ferreira Sampaio, tentou

reunir as duas Irmandades, mas a sua proposta em tal sentido recebeu formal recusa do Juiz da Boa Morte, Domingos José Ferreira Braga.

Enfim, uma sucessão de cousas desagradáveis tiveram lugar na igreja, durante largo tempo, entre as duas corporações religiosas.

* * *

Afirma a primeira parte de um brocardo popular que “não há mal que sempre dure...” e mais uma vez não foi desmentida a voz do povo.

Reunidas as duas instituições em assembléia, a 9 de março de 1820, depois de uma discussão que se estendeu por 48 horas, ficou, enfim, estabelecida a junção da Ordem de N. S. da Conceição dos Homens Pardos com a Irmandade de N. S. da Boa Morte, sob a denominação de “Venerável Ordem Terceira de N. S. da Conceição e Boa Morte”, do que se lavrou uma escriptura a 11 do mesmo mês.

Terminava, assim, uma luta que pelo espaço de 60 anos, tantos desgostos provocara no espírito do povo sinceramente crente, comprometendo até o esplendor da religião que recomenda a paz e a harmonia entre os homens.

Deve a igreja essa pacificação aos esforços de Nicolau Viagas de Proença, Corretor da Conceição, e Domingos Alves Pinto, Juiz da Boa Morte.

Para comemorar tão auspicioso evento, foi marcado o dia 16 de abril, quando se realizou uma grande festa. Pela manhã celebrou o officio religioso o Monsenhor Décano Joaquim da Nóbrega Amorim, e à tarde saiu enorme procissão à qual acompanharam 60 sacerdotes. À noite houve profusa iluminação na parte externa do templo, ao lado do qual estava armado o palanque, de onde o rei D. João 6.^o deveria assistir aos festejos. Entretanto, apesar do seu maior desejo, o soberano não poudé comparecer; mas tôda a côrté ali foi levar o testemunho do seu regosijo pela união das duas organizações. A música executada nessa festa memorável foi escrita especialmente pelo Padre-mestre da Real Capela, José Maurício, nome celebrado pelo seu talento de compositor.

Sòmente em fevereiro de 1838 recomeçou a construção do templo que as incompreensões anteriores haviam interrompido. Convidados o mestre carpinteiro José Maria Trindade e o mestre pedreiro Francisco Pereira de Sta. Ana, acharam-se êles muito honrados com o convite, e superintenderam gratuitamente a execução das obras.

Dedicados ao seu labor, a edificação em 1853, estava concluída, tendo a nova igreja sido benzida pelo Bispo Conde de Irajá, no dia 14 de dezembro daquele ano, e reconduzidas para ali, em procissão, as imagens que haviam sido guardadas na Igreja de S. Francisco de Paula.

As obras de talha que se encontram no recinto da igreja são da autoria de Manoel Francisco dos Santos Deveza, e o retábulo do altar-mor foi executado pelo Mestre Valentim da Fonseca e Silva.

O aspecto exterior do templo, embora simples, é extremamente agradável. Conta com três portas, e sôbre a do centro lê-se, em letras de ouro, a legenda **Janua coeli**, e logo abaixo a data — 1785. No alto do frontespício vê-se o monograma feito com as letras C.B.M., encimado por uma coroa real.

A abertura da Avenida Rio Branco (então Avenida Central), em 1903, não alterou fundamentalmente a fachada da igreja, pois esta ficou fora da linha traçada pelo engenheiro Francisco Passos. O corte atingiu apenas o adro lateral onde anteriormente estavam situadas as catacumbas, e a escada de pedra que dava acesso ao campanário, colocado ao lado direito. Os sinos se encontram hoje em uma pequena tôrre, construída em cima do frontão.

Hoje a igreja de N. S. da Conceição e Boa Morte, talvez devido ao local favorável em que se encontra, é muito visitada, principalmente na parte da manhã, quando é intenso o movimento das pessoas que se dirigem às suas diversas ocupações. São comerciários, funcionários do govêrno, operários, bancários, enfim, todos os que trabalham e são religiosos, para ali se encaminham antes de dar início às suas atividades cotidianas.

O interior do templo, silencioso, convida à meditação e à prece.

No altar-mor está entronizada a imagem de N. S. da Conceição, e nas capelas fundas, à direita e à esquerda, se vêm

N. S. da Boa Morte e N. S. das Dôres. Nos demais altares, que são seis, estão S. Miguel, N. S. da Assunção, S. José, S. Francisco de Paula, Sta. Ana e S. Francisco de Assis.

Na sacristia encontram-se duas belas imagens: N. S. da Conceição e N. S. do Socorro. Ao lado, junto à parede que dá para a rua dos Ourives, nota-se a pia de mármore branco, oferecida pelos Irmãos da Ordem, em 1855.